

Estratégias de persuasão: o cinema visto pelo semanário *Lar Católico*

Alessandra Brum

Doutora em Multimeios pela Universidade Estadual de Campinas
Professora da Universidade Federal de Juiz de Fora.
alesbrum@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo tem por objetivo lançar um olhar para as notícias e artigos de cinema no semanário *Lar Católico*, um dos mais influentes jornais católicos do Brasil. O *Lar Católico* era uma publicação da Congregação do Verbo Divino, que administrava a mais importante instituição educacional da cidade de Juiz de Fora, o Colégio Academia do Comércio. O semanário pode ser considerado parte de uma estratégia da Igreja Católica que percebeu o poder ideológico dos meios de comunicação como arma para propagar as ideias e os preceitos cristãos em um contato direto com o mundo.

Palavras-chave: *Crítica Cinematográfica. Igreja Católica. Lar Católico.*

ABSTRACT

This article aims to cast a look at the news and film articles in the weekly *Lar Católico*, one of the most influential Catholic newspapers in Brazil. The *Lar Católico* was a publication of the Divine Word, who ran the most important educational institution in the city of Juiz de Fora, the College Academy of Commerce. The weekly can be considered part of a strategy of the Catholic Church realized the ideological power of the media as a weapon to spread the ideas and Christian precepts in direct contact with the world.

Keywords: *Film criticism. Catholic church. Lar Católico.*

Artigo submetido em: 28/08/2016
Aceito para publicação em: 14/09/2016

¹ É uma iniciativa do Grupo de Pesquisa *CPCine: História, estética e narrativas em cinema e audiovisual*, e conta com o apoio da Fapemig, CNPq e da Pró-reitoria de Pesquisa da UFJF através de apoio a Grupo de Pesquisas. Aproveitamos para agradecer aos bolsistas de Iniciação Científica Ruan Esteves, Fernanda Teixeira, Mateus Borges e Cláudia Rangel sem o qual essa pesquisa não seria possível. Outras informações ver: <www.ufjf.br/minasecinema>

² A escolha da pesquisa em torno das publicações periódicas leva em consideração três critérios principais: o ineditismo da iniciativa; a viabilidade da execução; e a organização/disponibilização de fontes primárias que servirão de base para pesquisas futuras.

³ As cidades pesquisadas foram: Juiz de Fora; Leopoldina; Muriaé; Carangola e Cataguases.

⁴ Essa ideia foi desenvolvida pela pesquisadora Sheila Schvarzman por ocasião da palestra intitulada “Historiografia do Cinema Brasileiro: desconstruir a história no singular e escrever a história no plural”, proferida por ela no lançamento oficial do Projeto Minas é Cinema na Universidade Federal de Juiz de Fora, em 29 de maio de 2015.

⁵ Francisco Batista de Oliveira foi um grande empreendedor, responsável, entre outros, pela fundação do Banco de Crédito Real e da Academia de Comércio de Juiz de Fora. Com Bernardo Mascarenhas criou a Companhia Mineira de Eletricidade e construiu a primeira usina hidroelétrica do Brasil de 1889, a Usina Hidrelétrica de Marmelos em Juiz de Fora.

⁶ Importante destacar que em 1889, o Professor J.M. Lander fundou na cidade de Juiz de Fora a instituição de ensino Colégio Americano Grambery, atualmente Instituto Metodista Grambery. A Instituição tinha como objetivo um sistema educacional dentro dos preceitos da Igreja Metodista. Essa atuação na área educacional por parte dos protestantes na cidade fez com que a Igreja Católica se preocupasse com o seu avanço.

Esse artigo faz parte de uma pesquisa mais ampla, intitulada *Minas é Cinema: um levantamento das atividades cinematográfica de Minas Gerais*¹, que em sua primeira etapa (2013-2016) realizou o levantamento de publicações² voltadas ao cinema na região mineira da Zona da Mata³, compreendendo o recorte temporal dos primórdios (1897) à década de 1960. A maior parte das pesquisas relativas às publicações cinematográficas tem se concentrado, com raras exceções, no eixo Rio-São Paulo, deixando de contemplar as demais regiões do país. Essa concentração reflete um modo de fazer história pautado na centralidade de um discurso que se tornou hegemônico e que encontra eco na oposição nacional versus regional. A quebra dessa hierarquia está em pensar a história no plural, conceito elaborado por Reinhart Kosselleck, dando espaço à diversidade das manifestações culturais e sociais, tornando possível a construção de uma história que contemple a pluralidade⁴. Essa perspectiva faz com que os pesquisadores se utilizem cada vez mais de uma ampla gama de fontes documentais, muitas delas originais, e que não se limitam ao filme, como diários de filmagem, roteiros, crítica cinematográfica, correspondências, jornais e revistas, entrevistas, num processo contínuo de descobertas de novas fontes e no desafio da interdisciplinaridade tão cara aos estudos de cinema. É nesse contexto que este artigo se insere, ao lançar um olhar para notícias e artigos de cinema no semanário *Lar Católico*. O *Lar Católico* é uma publicação da Congregação do Verbo Divino, que administrava a mais importante instituição educacional da cidade de Juiz de Fora, o Colégio Academia do Comércio. Fundado em 30 de março de 1891 pelo empreendedor Francisco Batista de Oliveira⁵, o Colégio tinha como objetivo oferecer à comunidade local um ensino inspirado nos programas da Escola de Altos-Estudos Comerciais de Paris. Em 1901, o Colégio Academia de Comércio enfrenta problemas técnicos-administrativos e sua sede foi cedida então à Congregação do Verbo Divino. A Congregação do Verbo Divino chega a Juiz de Fora a pedido do arcebispo de Mariana, Dom Silvério, que estava preocupado com o avanço do número de protestantes na cidade de Juiz de Fora⁶.

A Congregação Verbita tem como prioridade, já em sua origem na Alemanha, o que o Pe. Arnaldo Janssen, fundador da congregação, denominou de uma tipografia missionária. Em suas palavras:

Nos tempos que correm, a imprensa é uma potência. É comparável a uma espada, indispensável na luta espiritual em defesa da causa do bem. Entre uma tipografia própria e uma estranha há justamente esta diferença, de ser a segunda como uma espada emprestada ou alugada, disponível apenas por alguns dias

ou certas emergências. Preferível é que se disponha de uma espada própria nossa, sempre pronta para servir, quando for necessário. (...) Naquele tempo não era conhecida a arte gráfica. Hoje ela é praticada. Também o demônio se serve dela para fazer o mal. Razão porque o servo de Cristo deve utilizá-la para fazer o bem. Como é poderosa a palavra impressa, multiplicada indefinidamente, hora por hora⁷. (NOSSA HISTÓRIA..., 2001, p. 56)

Essa missão da Congregação Verbita é parte de uma estratégia da Igreja Católica que percebeu o poder ideológico dos meios de comunicação como arma para propagar as ideias e os preceitos cristãos, em um contato direto com o mundo com objetivo de evangelização. Isso sem esquecer a crescente preocupação da Igreja Católica com o avanço de correntes de pensamento como o socialismo, anarquismo e maçonaria na Europa do século XIX. O Pontificado de Leão XIII (1878-1903) responde a essas questões com produção de documentos contra a imprensa laica que não responde aos anseios da comunidade cristã. Como afirma a pesquisadora Paola Lili Lucena:

O pontificado de Leão XIII não se reduziu somente a empreender práticas discursivas. Na realidade, seu discurso terá uma repercussão prática, que seria a criação por todo o mundo de uma imprensa que pudesse fazer oposição à imprensa laica: a imprensa católica, ou melhor, a “boa imprensa”. (LUCENA, 2011, p. 62)

Em Juiz de Fora a tipografia missionária da Congregação Verbita é inaugurada ainda na década de 1920, denominada de *Lar Católico*⁸. A Congregação chegou a construir uma pequena hidroelétrica no Morro do Imperador em Juiz de Fora para abastecer de luz e força as oficinas tipográficas e o Colégio Academia de Comércio, independente da rede elétrica urbana da cidade. Segundo informações oficiais da Congregação, o parque gráfico chegou a ser o mais bem aparelhado do Brasil⁹.

O semanário *Lar Católico* circulou de 1919 a meados da década de 1980¹⁰. O periódico não era uma publicação destinada unicamente a população juizforana, abrangendo principalmente os Estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Foi um dos mais influentes jornais católicos do Brasil e segundo a Congregação Verbita, chegou a lançar edições de até 65.000 exemplares¹¹. O periódico tinha por objetivo orientar e informar seus leitores sobre os atos missionários da Igreja, sobre notícias do Brasil e do mundo de interesse direto para a Igreja Católica, bem como de situações do cotidiano da família cristã. As colunas e artigos eram escritos por leigos e clérigos. Segundo Lucena (2011, p. 64):

⁷ Discurso do Pe. Arnaldo Janssen por ocasião da inauguração da 1ª tipografia missionária na Holanda.

⁸ O nome jurídico é Associação Propagadora Esdeva. Sua sede era a cidade de Juiz de Fora até 1995 quando então foi transferida para Belo Horizonte.

⁹ Além do jornal *Lar Católico*, a gráfica publicava livros, panfletos, *A Torre de Marfim*: revista de orientação cinematográfica, dentre outros.

¹⁰ Segundo a pesquisa do Projeto “Memórias da imprensa em Juiz de Fora” coordenado pela Profª. Christina Musse, o *Lar Católico* teve duas fases, a primeira de 1891 até 1912 e a segunda fase de 1912 a 1986. Sendo que a primeira fase o periódico era bissemanal. Sobre isso ver: <<https://memoriasdaimprensajf.wordpress.com/impresos-de-juiz-de-fora-9/impresos-de-juiz-de-fora/revistas/lar-catolico/>> Acesso em 19 de agosto de 2016.

¹¹ Em 1957 a cidade de Juiz de Fora contava com 112.850 habitantes, tinha 172 igrejas católicas romanas com 28.832 pessoas frequentando o culto católico. Para efeito de estudo comparativo a cidade apresentava nesse mesmo ano, 2.261 pessoas frequentando o culto protestante e 2.957 pessoas frequentando o culto espírita. Fonte: Enciclopédia dos Municípios Brasileiros – Minas Gerais – IBGE - 1959.

O *Lar Católico* de certa forma atendia às exigências ministradas pelos idealizadores da “boa imprensa”, contando com um corpo redacional formado por leigos e clérigos instruídos para desempenharem suas funções. Os assuntos tratados pelo jornal não eram somente vinculados a temas religiosos, abordando também questões que poderiam auxiliar homens e mulheres na condução de suas ações no plano individual e social.

O Cinema e a Igreja Católica

A Igreja Católica, desde as primeiras exibições do cinematógrafo, não se mostrou indiferente a essa nova atividade cultural e social. Dado o crescente interesse da população em geral pelo cinema, a Igreja Católica tomará uma série de medidas no sentido de orientar seus fiéis frente às mensagens que as obras cinematográficas transmitiam e é a partir dessa preocupação que vão surgir algumas iniciativas que serão reafirmadas pelas Encíclicas Papais. Dentre elas, destacamos a criação em 1928 do O.C.I.C - *Office Catholique Internationale du Cinéma*, que tinha como objetivo ser um centro de estudos da linguagem cinematográfica, do *Comité Catholique du Cinéma* (CCC), criado em 1927, seguido pela criação nos Estados Unidos da *Legion of Decency* (Legião da Decência), e posteriormente a *Centrale Catholique du Cinéma et de la Radio de 1934*. A *Centrale Catholique* adota e faz uma adaptação da cotação moral já existente para obras literárias para o cinema¹². Essa cotação moral é uma classificação indicativa que tem por objetivo orientar seus fiéis e espectadores quanto aos danos morais e éticos de uma determinada obra.

¹² As cotações morais, de forma resumida, se classificavam como: para todos; para adolescentes; para adultos; para adultos com reserva; prejudicial e condenado. Essa nomenclatura pode sofrer alterações dependendo da publicação católica. No caso do *Lar católico* por exemplo, durante o período que utilizou a Legião da Decência como referência, se utilizou: aceitável; aceitáveis para adultos; aceitável, menos para crianças; inconveniente; prejudicial.

No sentido de direcionar todas essas iniciativas a Igreja Católica lança as Encíclicas Papais *Vigilanti Cura* e *Miranda Prorsus*. A Encíclica Papal *Vigilanti Cura* de 1936 encara o cinema como uma atividade propagadora do pecado e do vício e ressalta o esforço e a dedicação da Legião da Decência na vigilância ao cinema. Diz o Papa Pio XI:

É portanto, uma das supremas necessidades do nosso tempo vigiar e trabalhar, para que o cinematógrafo não continue a ser escola de corrupção, mas se transforme, ao contrário, em preciosos instrumento de educação e elevação da humanidade. (ENCÍCLICA VIGILANTI CURA, 1936)

¹³ Essa Encíclica além do cinema trata também da Televisão e do rádio.

A Encíclica *Miranda Prorsus*¹³ do Papa Pio XII publicada em 1957, já não encara mais o cinema como algo tão pecaminoso e já admite que as obras cinematográficas podem ser obras artísticas. Nesse contexto, direciona seu

foco aos distribuidores, artistas, produtores e diretores como responsáveis na propagação de um “cinema ideal”. Essa Encíclica é a que trata especificamente da cotação moral dos filmes e o Papa Pio XII aponta para a necessidade de que ela seja indicada de forma clara:

quais os filmes lícitos para todos, quais os reservados a adultos, e quais os prejudiciais ou positivamente maus, os prejuízos morais permitirão a cada um escolher espetáculos, de que há de sair ‘mais alegres, mais livre e, no íntimo, melhor do que ao entrar’. E permitirão também evitar aqueles filmes que poderiam danificar a alma, dano agravado ainda pela responsabilidade tanto de favorecer as más produções como de dar escândalo com a própria assistência. (ENCÍCLICA MIRANDA PRORSUS, 1957, item 87)

Esse julgamento em relação aos filmes deve ser orientado pelas normas da Igreja e pelo discurso do próprio Papa Pio XII sobre o que ele considera ser um “filme ideal”. Para ele o filme ideal deve considerar três premissas:

1º - em relação, ao sujeito, quer dizer, aos espectadores a quem o filme é destinado.

2º - em relação ao objeto, quer dizer, ao conteúdo do próprio filme.

3º - em relação à comunidade, sobre a qual, dizíamos o filme exerce especial influência. (LUDMAN, 1959, p.148)

Diante de tais premissas cabe, segundo o Papa, aos responsáveis pelo ato de julgar e classificar os filmes se prepararem para determinada função percebendo o valor moral da obra e a influência que as mesmas exercem nos espectadores do próprio país.

Essa proposição Papal abre margem para muitas interpretações, pois um determinado filme pode portanto, receber cotações morais muito distintas, variando de país a país, ou melhor de comunidade à comunidade. Isso sem falar que apesar de tentativas de se adotar um critério na avaliação dos filmes, a postura pessoal de um determinado censor está longe de ser isenta.

No Brasil, houve uma tentativa de se unificar as classificações morais dos filmes com a criação em 1948 do Departamento Nacional de Cinema e Teatro da Junta Nacional da Ação Católica Brasileira que publicava mensalmente um boletim dos filmes exibidos no Rio de Janeiro no *Suplemento Semanal da Revista Família*. Mas seu alcance era muito restrito em nosso território.

Com a criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) em 1952, a Ação Católica Brasileira vai perdendo força e surge em 1953 a Central Católica de Cinema, sob a direção do Pe. Guido Logger¹⁴, como um dos braços da CNBB no trato com o cinema. A

¹⁴ O Pe. Guido Logger era o nome mais importante da Igreja Católica no Brasil no que diz respeito ao cinema. Ele ministrava cursos sobre cinema em todo país, escrevia para revistas e jornais. Seu livro *Elementos da Cinestética* de 1957, era considerado pelos colaboradores e censores da Igreja um manual de referência no assunto.

Central Católica de Cinema era filiada a OCIC e tinha por objetivo coordenar e difundir a cotação moral dos filmes através do Serviço de Informações Cinematográficas (SIC) criado em 1957, o qual publicava um boletim que era distribuído pelo Brasil e um Catálogo Geral de Filmes. A Igreja Católica no Brasil, orientada por essas medidas, incentivou e patrocinou a formação de cineclubes católicos, bem como a criação de revistas, e de um corpo crítico atuante.

O cinema no Lar Católico

O periódico *Lar Católico* de forma muito irregular e esporádica trazia notícias do mundo do cinema. Somente a partir da década de 1940, observamos uma ênfase do semanário em relação ao Cinema, com a presença de uma pequena coluna intitulada “Classificação indicativa”¹⁵, onde eram descritos alguns filmes, com uma pequena crítica e sua cotação moral. A crítica ao filme era feita pela Associação dos Jornalistas Católicos e a cotação moral era uma classificação da Legião da Decência da cidade de Nova York/EUA e do El Pueblo de Buenos Aires/AR. Esporadicamente o jornal trazia também pequenos artigos sobre cinema que dividia a página com a coluna “Classificação indicativa”. Tal iniciativa do *Lar Católico* pode ser entendida como um ato missionário, estando diretamente ligada a Encíclica Papal *Vigilanti Cura* que data de 1936.

A partir da década de 1950, o *Lar Católico* cria uma outra coluna, agora ocupando meia página¹⁶ intitulada “Cinema” e a coluna “Classificação Indicativa” passa a se chamar “Fichas Cinematográficas”¹⁷. A fonte para a cotação moral dos filmes passa a ser a do Serviço de Informações Cinematográficas (SIC). Por ser uma publicação que circulava em vários estados do Brasil, o *Lar Católico* encontrava uma certa dificuldade em manter a coluna “Fichas Cinematográficas” atualizada com a programação das cidades em que o periódico era distribuído. Essa questão fez com que a coluna chegasse a ser interrompida, como aponta a nota publicada em novembro de 1953:

Já houve em nosso “Lar Católico” uma sessão de cotação e crítica de filmes. Ela deve voltar. Voltou e voltará cada semana, se Deus quiser. O problema que nos fez demorar tanto com esta sessão, de suma importância, não ficou de todo resolvido. O “Lar” não é semanário local. Ele corre todo o Brasil. A quais filmes deveríamos referir-nos então? Por hoje tomamos uma consideração geral e alguns dados sobre “Sinhá Moça”. Demais ser-nos-ão gratíssimas tôdas as su-

¹⁵ Essa nomenclatura é muito irregular no *Lar Católico*, encontramos também no lugar de “Classificação Indicativa” a chamada com o título de “Cinematografia”.

¹⁶ Em alguns números chegou a ocupar página inteira. O *Lar Católico* não tinha uma regularidade em relação ao espaço ocupado pelo cinema no semanário.

¹⁷ A ficha cinematográfica era composta pelos seguintes itens: título do filme; gênero; enredo; apreciação artística; apreciação moral; e cotação moral. Em alguns números a Ficha cinematográfica era também denominada de Orientação Moral dos Espetáculos.

gestões dos nosso leitores angustiados também com o grande problema de nossos cinemas.
(LAR CATÓLICO, 15/11/1953)

Já a coluna “Cinema” vai sofrer alterações em seu título, passando a se chamar “No Mundo do Cinema” e também passa a ser assinada por Mr. Cine e Cristiano, pseudônimo de um leigo sob a supervisão de um clérigo. Aqui se observa uma tentativa por parte do jornal de dar corpo a uma coluna, aumentando o espaço e o tratamento dado ao cinema no periódico. O responsável pela coluna que assina sob pseudônimo de Mr.Cine é na realidade um dos diretores da revista *A Torre de Marfim: revista de orientação cinematográfica*.

Essa revista, criada em 1951 no interior do Colégio Academia do Comércio era uma publicação especializada em cinema. *A Torre de Marfim* trazia, a partir das informações da rede exibidora da cidade de Juiz de Fora, a cotação moral dos filmes em exibição na cidade, além de dicas, artigos sobre cinema, bem como, orientações comportamentais aos seus fiéis frente ao cinema. Isso de certa forma, explica o destaque que o *Lar Católico* passa a dar ao cinema na década de 1950, aproveitando o esforço da iniciativa dos alunos e dos Padres do Colégio Academia do Comércio.

A página de cinema do Lar Católico serviu também de propaganda e de indicação de assinatura da revista *A Torre de Marfim*. A coluna “No Mundo do Cinema” ainda tinha uma parte dedicada à correspondência com seus leitores sobre a atividade cinematográfica, como anuncia o responsável pela coluna o Mr. Cine¹⁸, que ao mesmo tempo reclama da pouca receptividade dos leitores para a referida seção, diz ele:

‘Cine-Cartas’ é uma espécie de sub-seção de ‘No mundo do Cinema’. Como informamos aos leitores em números passados, destina-se a satisfazer a curiosidade dos fãs quanto às coisas da sétima-arte e também responder perguntas sobre o tema de imensa atualidade que é a orientação cinematográfica.

Vamos confessar francamente que estamos decepcionados. É que quando criamos a seção de cinema no ‘Lar Católico’ e anunciamos nossos propósitos esperávamos maior receptividade do público leitor. (LAR CATÓLICO, 13/2/1955, p.7)

Apesar da reclamação do titular da coluna, nesse número de *Lar Católico* ele responde a três cartas, uma da cidade de Tanabi/SP, outra de Campanha no sul de Minas Gerais e outra de Campinas/SP. Observa-se uma tentativa por parte do jornal de manter um diálogo aberto com seus fiéis, “... é isso que queremos! o nosso desejo é fazer uma seção viva, de conversa com o leitor...” (LAR CATÓLICO, 13/2/1955, p.7).

Com relação aos artigos publicados observamos uma ênfase muito grande na relação do cinema com a infância e juventude, com títulos como, por exemplo: “O Cinema e a

¹⁸ Apesar da coluna ser assinada sempre como Mr. Cine e Cristiano, eles se revezam na seção Cine-cartas, ora um, ora outro, respondem às cartas dos leitores.

criança” (LAR CATÓLICO, 30/04/1944, p.7); “O que as crianças aprendem no mau cinema” (LAR CATÓLICO, 09/07/1944, p.7); “O cinema e a infância” (LAR CATÓLICO, 06/01/1946); “A influência do cinema sobre o espírito e a sensibilidade da infância e da juventude” (LAR CATÓLICO, 10/01/1960). Como o *Lar Católico* é um periódico destinado à família cristã, a ênfase dada ao tema da infância e da juventude no cinema parece corresponder à preocupação missionária da Igreja Católica, com intuito de alertar e informar aos pais para que pudessem exercer uma vigilância sobre seus filhos. Aliás, é importante frisar que o cinema era considerado “escola de corrupção” e portanto, uma atividade ameaçadora ao homem e principalmente deformadora do caráter, principalmente para os jovens. No artigo “O cinema e a infância”, por exemplo, o autor alerta:

Nunca deveríamos esquecer-nos de que as crianças pensam mais com os olhos do que com o cérebro. Assim o cinema é mais eficiente escola de formação ou deformação infantil.

Os pais que amam seus filhinhos e prezam o seu futuro feliz deveriam pensar nisto, antes de enviá-los ao cinema. (LAR CATÓLICO, 06/01/1946)

Na Encíclica *Miranda Prorsus*, o Papa Pio XII destaca no ítem “Espectáculos para a juventude” sua preocupação com os jovens, que nesse momento não estava restrito apenas ao cinema, mas também ao rádio e a televisão, diz o Papa:

Mas só o trabalho de educação não é suficiente. É preciso que os espectáculos (sic) sejam adaptados ao grau de desenvolvimento intelectual, emotivo e moral de cada idade. Este problema tornou-se particularmente urgente, desde que, por meio da rádio e sobretudo da televisão, o espectáculo penetrou no próprio lar familiar, ameaçando os diques salutareos com que a sã educação protege a idade tenra dos filhos, até conseguirem adquirir a necessária virtude antes de defrontarem as tempestades do século. A tal propósito escrevemos há três anos aos Bispos de Itália: “Como não horrorizar-nos pensando que, por meio da televisão, se poderá introduzir até dentro das paredes domésticas aquela atmosfera envenenada de materialismo, de fatuidade, e de hedonismo, que infelizmente tantas vezes se respira em muitas salas de cinema?” (ENCÍCLICA MIRANDA PRORSUS, 1957)

Ao final dos anos 1950, a coluna no “Mundo do Cinema” é interrompida e a seção passa a se chamar novamente apenas “Cinema”. Não tem mais um titular que assina a coluna e a subseção “Cine-cartas” também não se encontra presente. Os artigos publicados em sua grande maioria são reproduções dos artigos do Pe. Guido Logger, Assessor Eclesiástico do SIC Rio de Janeiro. Em 1959, por exemplo, é publicado a cada semana parte do seu curso sobre linguagem cinematográfica, com itens como: planos, angulação, enquadramento, movimento de câmara, *panning* ou panorâmica, a cor no cinema, os elementos sonoros, a montagem, a elipse cronológicas, dentre

outros. A Igreja Católica procura subsidiar seus fiéis no entendimento da linguagem cinematográfica com o objetivo de que eles possam ter discernimento para julgar a qualidade do filme.

O ano de 1960 se inicia dando continuidade a essa proposta “educativa”, com ênfase em textos de cunho moralista, como por exemplo “Será que você pode ir ao cinema com seu confessor?” (LAR CATÓLICO, 08/05/1960); “A moral do cinema comercial” (LAR CATÓLICO, 07/08/1960) ou ainda “A decadência moral do cinema” (LAR CATÓLICO, 30/10/1960). Mas, na realidade, o final da década de 1950 aponta para a perda de espaço do cinema no semanário *Lar Católico* e a coluna “Cinema” desaparece aos poucos já no ano de 1960 quando o espaço que era destinado a ela é ocupado por outra coluna intitulada “Comunismo em Foco”.

Lembramos que o ano de 1959 é emblemático para o mundo com a bem sucedida revolução comunista em Cuba comandada por Fidel Castro. Se o cinema é considerado pela Igreja Católica um perigo na deformação do caráter humano, o comunismo é um mal muito maior, é considerado uma ameaça à instituição da Igreja Católica. O *Lar Católico*, como uma publicação missionária, não foge do seu papel. O cinema nesse momento é portanto, dos males o menor.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, M.L.B. *Cinema, quantos demônios (a relação da Igreja com o cinema)*. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1990.

CHAVES, Geovano Moreira. *A tela imoral; aspectos do projeto da Igreja Católica para o cinema via encíclicas papais Vigilant Cura (1936) e Miranda Prorsus (1957)*. São Paulo: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História, julho de 1011.

COUTINHO, Mário Alves & GOMES, Paulo Augusto. *Presença do CEC: 50 anos de cinema em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Crisálida, 2001.

FREITAS, José E.; MELO, Geraldo L. *Murílio Hingel, o professor que fez escola*. Juiz de Fora: INDEC, 2004.

GOMES, Paulo Emílio Sales. *Crítica de Cinema no Suplemento Literário*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, Vol. I e II, 1981.

LUCENA, Lili Paola. *"Nenhum Lar sem o Lar Católico!"*: Discursos e vivências sobre gênero, família e sexualidade no jornal Lar Católico (1954- 1986). Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011.

LUDMANN, René. *Cinema, Fé e Moral*. Lisboa: Editora Aster, 1959.

MALUSÁ, Vivian. *Católicos e Cinema em São Paulo: O Cine-clubes do Centro Dom Vital e a Escola Superior de Cinema São Luis*. Campinas, Dissertação de mestrado, IA/Unicamp, 2007.

OLIVEIRA, Elysabeth Senra. *Uma geração cinematográfica*. Intelectuais mineiros da década de 50. São Paulo: Annablume, 2003.

PAES, D. N. G. *Olhar ativo: A Central Católica de Cinema do Rio de Janeiro (1954-1971)*. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

PEREZ, Luiza Quinet Ramos; MUSSE, Christina Ferraz. *"Lar Católico": a igreja e a função pedagógica da imprensa*. In: ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 3., Rio de Janeiro. Anais... Porto Alegre: Alcar, 2014.

RIBEIRO, Brênio Peters; ARANTES, Haydêe Sant'Ana; MUSSE, Christina Ferraz. *CEC - Centro de Estudos Cinematográficos: a memória do pioneirismo do cineclubes em Juiz de Fora*. Anais do VII Encontro Nacional de História da Mídia, Unicentro, Guarapuava, Paraná, 2011.

RIBEIRO, José Américo. *O cinema em Belo Horizonte. Do cineclubismo à produção cinematográfica na década de 60*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

SILVA, Alessandra Belo Assis. Trabalho, Justiça e Reestruturação Produtiva. Juiz de Fora, década de 1950. São Paulo: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, julho 2011.

SIMÕES, Inimá. Roteiro da Intolerância: a censura cinematográfica no Brasil. São Paulo: editora SENAC, 1999.

Periódicos

A *TÔRRE DE MARFIM* - Revista de Orientação Cinematográfica. Do XI ao VX ano, do volume 77 ao 126, período de março de 1960 a dezembro de 1964. Tipografia Lar Católico e/ou Sociedade Propagadora Esdeva: Juiz de Fora, Minas Gerais. Biblioteca Municipal Murilo Mendes, Juiz de Fora, Minas Gerais.

CEC-JF acervo depositado no Arquivo Histórico da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, Juiz de Fora, Minas Gerais.

DIÁRIO MERCANTIL, março de 1962. Acervo Biblioteca Municipal Murilo Mendes, Juiz de Fora, Minas Gerais.

LAR CATÓLICO. Acervo depositado na Biblioteca Redentorista, período de 1940-1967, Juiz de Fora, Minas Gerais.

Sitiografia

Papa Pio XI. Apostolado *Veritatis Splendor. Vigilanti Cura*. Disponível em: <www.vatican.va/holy_father/pius_xi/encyclicals/documents/hf_pxi_enc_29061936_vigilanti-cura_po.html>. Acesso em 16 de abril de 2012.

Papa Pio XII. Apostolado *Veritatis Splendor. Miranda Prorsus*. Disponível em: <www.vatican.va/holy_father/pius_xii/encyclicals/documents/hf_pxii_enc_08091957_miranda-prorsus_po.html> .Acesso em 16 de abril de 2012.

<<https://memoriasdaimpressajf.wordpress.com/>> Acesso em 20 de julho de 2016.

<<http://www.ufjf.br/minasecinema/>> Acesso em 20 de julho de 2016.